

Conhecimento de alunos de ensino médio de uma cidade do interior de Minas Gerais acerca da transmissão, sintomas e prevenção das IST's

Elizângela do Carmo Hermano. Universidade do Estado de Minas Gerais – Passos.

E-mail: hermanoelizangela@gmail.com

Gislayne Larissa Ferreira Alencar. Universidade do Estado de Minas Gerais – Passos.

E-mail: gislaynelfa@gmail.com

Luana Matos Silva Araújo. Universidade do Estado de Minas Gerais – Unidade Passos.

E-mail: lumatosenf@gmail.com

Resumo

Cada vez mais os jovens e adolescentes são acometidos por Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST's), principalmente por estarem incluídos em um grupo que se encontra exposto a diferentes formas de risco. Desta forma, podem ser considerados mais suscetíveis a vulnerabilidades comuns nesse momento da vida. O objetivo principal da pesquisa em questão foi avaliar o conhecimento dos alunos de ensino médio das escolas públicas e privadas de um município do interior de Minas Gerais acerca das IST's, no que diz respeito à forma de transmissão, sintomas, prevenção e comportamento de risco. Trata-se de uma pesquisa transversal, descritiva e quantitativa, realizada com 384 estudantes de escolas da rede pública. Vale ressaltar que não houve adesão por parte da direção das escolas privadas. Anteriormente à coleta de dados foi solicitada autorização da direção de cada escola, dos pais e de cada aluno, além de aprovação no Comitê de Ética em Pesquisa sob protocolo número 2.333.417. A coleta de dados foi realizada no mês de agosto de 2017, e os dados foram coletados através de um questionário aplicado na própria sala de aula. O estudo apontou índices significativos de incompreensão em relação à transmissão, sintomas e prevenção, justificando de forma geral os comportamentos que tornam este grupo mais vulnerável. Sendo assim, foi possível identificar a necessidade da inserção desta temática no âmbito escolar, bem como a realização de incentivo aos adolescentes no que tange ao comportamento sexual seguro e saudável. É primordial a realização de capacitações e sensibilização dos professores no que diz respeito a esta temática, e de igual importância a integração de profissionais da saúde nesse processo.

Palavras-chaves: Infecções Sexualmente Transmissíveis. Saúde do adolescente. Saúde escolar.

Introdução

As Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST's) são tão antigas quanto a humanidade, seu surgimento se deu na idade antiga, onde eram realizados alguns rituais chamados de “sexo grupal”, nos quais os participantes contraíam as doenças, posteriormente transmitindo para outras pessoas (MANUEL, 2015).

No período pós Segunda Guerra Mundial observou-se um aumento de doenças venéreas clássicas, tais como sífilis, gonorreia, cancro mole, linfogranuloma venéreo e granuloma inguinal. Estas infecções eram trazidas principalmente pelos soldados e marinheiros que faziam longas jornadas e quando chegavam a chão firme procuravam mulheres em casa de prostituições, causando assim a disseminação das mesmas (BRASIL, 2015).

De acordo com Alencar (2016), com o passar do tempo, essas doenças foram classificadas e divididas em: bacterianas (cancro mole, gonorreia e infecção por clamídia e sífilis), fúngicas (candidíase), virais (hepatites B e C, herpes genital, HIV, condiloma acuminado (HPV) e linfogranuloma) e protozoárias (tricomoniase).

As IST's são transmitidas através do contato sexual com pessoas infectadas, ou através de compartilhamento de agulhas e seringas contaminadas, podendo ocorrer também por transfusão sanguínea, porém mais raramente. A transmissão da sífilis e do HIV pode ainda acontecer da mãe para a criança durante a gestação, no parto, ou na amamentação, através da transmissão vertical (BRASIL, 2015). Ainda que algumas IST's tenham tratamento e cura, outras já acompanham a pessoa por toda a vida, podendo ou não ter sintomas.

A Organização Mundial da Saúde (OMS, 2009) estima que no mundo todo mais de 1 milhão de casos de Infecções Sexualmente Transmissíveis são notificados por dia, e de 10 a 12 milhões por ano. Ao ano, notificam-se aproximadamente 357 milhões de novas infecções, entre clamídia, gonorreia, sífilis e tricomoniase. A presença de uma IST, como sífilis ou gonorreia, aumenta consideravelmente o risco de se adquirir ou transmitir a infecção por Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV).

As IST's só readquiriram importância como problema de saúde pública após a epidemia de Aids que se iniciou na década de 1980. O Brasil é também um dos países com maior número de casos de notificações de Aids, sendo os jovens os mais acometidos, com tendência de aumento nas taxas de detecção entre a população de 15 a 24 anos. Só em 2012 foram notificados no país 39.185 casos da doença, com taxa de incidência de 20,2 casos por 100 mil habitantes (COSTA E SILVA et al, 2016).

No Brasil, foram registrados 66.114 casos de [Aids](#) entre jovens de 13 a 24 anos até junho de 2009. Isso representa 11% dos casos notificados de Aids no país, desde o início da epidemia. Na mesma faixa etária, a [transmissão sexual](#) representa 68% dos casos de Aids notificados e a via sanguínea responde por 23% (BRASIL, 2015).

As situações de vulnerabilidade dos adolescentes às IST's relacionam-se a dificuldade para usar preservativos, baixa escolaridade, deficiência de conhecimentos e informações sobre IST's, fatores culturais, cor/origem étnica e a falta de orientações, fatores que levam os adolescentes a necessitarem de ações educativas contínuas que visem promover a prevenção e uma boa qualidade de vida sexual (AMORAS; CAMPOS; BEZERRA, 2015).

Pela Organização Mundial da Saúde (OMS) a adolescência é delimitada pela faixa etária de 10 aos 19 anos de idade, que também é adotada no Brasil, pelo Ministério da Saúde. Entretanto o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), considera adolescência de 12 aos 18 anos de idade (Eisenstein, 2005). Neste trabalho utilizou-se a recomendação da OMS, considerando adolescente de 10 a 19 anos.

Entendendo os adolescentes como pertencentes a um grupo com vulnerabilidades próprias, fica evidente que as escolas são instituições imprescindíveis para o desenvolvimento e para o bem-estar das pessoas (alunos) e da sociedade. Ela é decisiva para que os adolescentes compreendam o mundo em que vivem e para intervir

crítica e responsabilmente na vida social de cada um, valorizando o conhecimento escolar.

É na escola que a grande maioria dos adolescentes aprende a romper com os problemas enfrentados por dificuldades econômicas e sociais, além de que grande parte da adolescência se passa na escola, cerca de 850 horas por ano.

No âmbito escolar o adolescente vivencia diversas etapas de sua vida, aprende atitudes e habilidades que são articuladas às suas experiências no cotidiano, conhecendo necessidades, tendo a oportunidade de refletir sobre possíveis transformações de consciência e mudança social (SFAIR; BITTAR; LOPES, 2015).

As escolas têm passado por mudanças devido a necessidade de passar informações aos alunos, principalmente devido ao anseio por parte dos pais relacionados a questões sociais e crenças. Há ainda dificuldades pela falta de profissionais capacitados na função de transmitir conhecimentos sobre sexualidade e possíveis riscos existentes após início de uma vida sexual ativa e assídua (BORGES et al, 2011).

A família também tem papel fundamental no conhecimento e desenvolvimento, tanto na questão de saúde quanto na educação, visando adultos responsáveis no futuro.

A produção de saberes em relação à família, adolescente e escola na discussão sobre sexualidade e nos possíveis riscos de contrair IST's, indica estratégias para o fortalecimento de ações de promoção de saúde dos adolescentes. Os professores devem ser preparados para atuar em um espaço onde é necessário diálogo, mediação pedagógica, discrição e segurança, detalhes que são de suma importância para escolarização dos adolescentes (BARBOSA; COSTA; VIEIRA, 2016).

Para Zanella (2010) ouvir os profissionais que atuam nas escolas é imprescindível para discutir situações de riscos e até de conflitos. Os adolescentes com problemas familiares tendem a frequentar pouco a escola e apresentar baixo desempenho, para tanto, os professores devem estimular e ampliar seu convívio entre grupos de amigos, o que pode ser de grande auxílio nesse processo.

O preparo para tratar as questões de sexualidade que são abordadas pouco tem relação com a formação acadêmica do educador e muito com a sua postura frente a vida e a sexualidade. Em ações práticas realizadas com os adolescentes através de oficinas, consultas de enfermagem e conversas informais, verificou-se que o conteúdo de maior interesse foi a sexualidade. Isso se justifica pelo fato de estar em uma fase de descoberta do desenvolvimento do seu corpo, dos relacionamentos, da formação de identidade, gênero, mudança de comportamento, entre outros (SFAIR; BITTAR; LOPES, 2015).

Para tanto, é necessário buscar técnicas de abordagem adequadas, que estimulem o interesse das escolas, em específico dos adolescentes, que possibilite transformar e aprimorar conceitos pré-concebidos, através da reflexão sobre o tema, no qual suas ações sejam centradas na promoção, prevenção e assistência, sendo as duas primeiras de maior importância no processo de cuidar (MOREIRA et al, 2015).

Face aos dados apresentados, esse estudo se faz relevante devido ao déficit de conhecimento encontrado nos adolescentes durante a revisão realizada, sendo o objetivo principal dessa pesquisa avaliar o conhecimento dos alunos de escolas públicas e privadas de um município do sudoeste de MG acerca das IST's.

Material e Métodos

Trata-se de pesquisa transversal, descritiva e quantitativa, realizada em um município do sudoeste de MG, nas escolas públicas e privadas que possuíam ensino médio.

Das 64 escolas existentes no município, apenas 17 possuem ensino médio, dessa forma, os alunos dessas escolas foram considerados a população de estudo, que somam aproximadamente 3570. Para chegar a esse resultado levou-se em consideração que cada uma dessas escolas contava na média com 210 alunos, divididos em 1º, 2º e 3º grau.

Após a identificação da população a ser estudada, passou-se à etapa de seleção da amostra, que, nesta pesquisa, foi realizada por conveniência, ou seja, à medida que a direção das escolas autorizava a coleta de dados, os alunos que se encontravam em sala de aula eram convidados a participar da pesquisa.

No final da coleta, como não houve adesão de todas as escolas, principalmente escolas particulares, os dados foram coletados de 384 alunos.

Para esta etapa foi necessária a análise do projeto pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade do Estado de Minas Gerais – Unidade Passos, segundo a resolução CNS 466/12. A mesma foi aprovada através do protocolo de nº 2.333.417.

A coleta de dados foi realizada no mês de novembro de 2017, e como técnica de coleta de dados utilizou-se o questionário, que continha questões acerca do perfil sociodemográfico e questões acerca do conhecimento dos alunos sobre as IST's.

Inicialmente solicitou-se autorização para realização da pesquisa juntamente à direção de cada escola, e somente após autorização foi dado seguimento à próxima etapa. As escolas que autorizaram a realização da pesquisa, a saber, foram: Professora Julia Kubitschek, Neca Quirino, Dulce Ferreira de Souza, Nossa Senhora da Penha, Lourenço de Andrade, Deus Universo e Virtude, São José e Caetano Machado da Silveira, totalizando 8. Nenhuma escola particular autorizou a realização da coleta de dados.

Após, foi dado início à segunda etapa, que se constituiu do agendamento com a direção das escolas acerca da data da realização da coleta. Feito isso, a coleta foi realizada em dois momentos: primeiramente foi realizada uma visita em sala de aula para a elucidação da pesquisa aos alunos e entrega do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), que deveria ser assinado pelos pais; e em um segundo momento houve o retorno às escolas para realizar a aplicação do questionário, que foi aplicado apenas para os alunos que estivessem com o TCLE assinado em mãos e que também tivessem aceitado participar da pesquisa mediante assinatura do termo de assentimento.

Desta forma, foram incluídos na pesquisa todos os alunos que estivessem com o TCLE e termo de assentimento devidamente assinados, e aqueles que não atendiam a esses critérios foram excluídos da pesquisa.

Finda esta etapa, os dados coletados foram alocados em planilhas do software Microsoft Office Excel, e para realizar a análise utilizou-se estatística descritiva simples, com o objetivo de verificar o percentual de cada item levantado durante a coleta.

Resultados e discussão

Os resultados obtidos através da coleta de dados foram distribuídos em tabelas, que foram divididas em dados sociodemográficos e dados referentes à vida sexual. Já os resultados que apresentam os dados sobre o conhecimento dos alunos acerca das IST's estão apresentados em forma de tabelas, como passa-se a seguir:

Tabela 1 – Distribuição dos alunos de acordo com a vida sexual. Novembro/2017.

Já teve relação sexual?	N°	%
Sim	217	57%
Não	167	43%
Total	384	100%

O presente estudo evidenciou um nível significativo de adolescentes que já tiveram relação sexual (57%), que pode acarretar implicações futuras no processo reprodutivo e em sua própria saúde. Nessa etapa da vida eles assumem comportamentos para os quais não estão preparados, como o início da atividade sexual precocemente, relacionado à ansiedade de viver de maneira rápida e intensa, não refletindo assim sobre suas atitudes, aumentando a vulnerabilidade às complicações e consequências acerca da prática sexual e infecções sexualmente transmissíveis (CARNEIRO et al, 2015).

Indivíduos com sexarca precoce, especialmente as mulheres, estão expostos a riscos relacionados à atividade sexual desprotegida, que pode ter como consequência o aumento do risco de infecção sexualmente transmissível, gravidez precoce, complicações obstétricas, ansiedade, processos familiares interrompidos, evasão escolar, entre outras (BORDIGNON; LIBERALI; BORDIGNON, 2017).

Tabela 2 – Distribuição dos alunos de acordo com o uso do preservativo. Novembro/2017.

Fez uso de preservativo durante a relação sexual?	N°	%
Sim	184	48%
Não	74	19%
Não opinaram	126	33%
Total	384	100%

No que tange ao uso de preservativo durante a relação sexual, chama a atenção que uma parcela considerável dos alunos (33%), não opinou a respeito, o que pode levar a entender que não fazem uso, sejam quais forem às razões.

O medo e o sentimento de menosprezo pelos parceiros são os principais motivos pelos quais os adolescentes não falam abertamente sobre sexo. Dessa forma, percebe-se o quanto este grupo específico torna-se vulnerável às IST's, uma vez que dependem do parceiro para manter um diálogo sobre o uso do preservativo (MESQUITA *et al* 2017).

Além disso, a adolescência é um momento que se caracteriza pelo desejo de viver intensamente, e a incerteza das atitudes nesta fase faz com que os adolescentes se esqueçam de se preservar, podendo acarretar além de alguma IST, uma gravidez indesejada, mudando por completo a vida dos mesmos.

Tabela 3 – Distribuição dos alunos de acordo com a vida sexual atualmente. Novembro/2017.

Atualmente	Nº	%
Não tem relação sexual	219	57%
Tem relação sexual regular com apenas um parceiro	131	34%
Tem relação sexual regular com vários parceiros	21	5%
Não opinaram	13	3%
Total	384	100%

Sobre o comportamento sexual, a maioria (57%) afirmou não estar tendo relações sexuais atualmente, porém, em contrapartida, 5% dos alunos afirmaram ter relação com vários parceiros ao mesmo tempo. Este dado, apesar de pequeno quando comparado aos demais, é motivo de preocupação, visto que através de múltiplos parceiros sexuais a chance de contaminação de alguma IST é aumentada consideravelmente.

Com o objetivo de minimizar esta realidade, de acordo com o Ministério da Saúde, é primordial que o adolescente priorize o uso de preservativos, masculino ou feminino, durante as relações sexuais, considerada a principal barreira na prevenção das IST's (BORDIGNON; LIBERALI; BORDIGNON, 2017).

Tabela 4 – Distribuição dos alunos de acordo com conhecimento em relação às IST's. Novembro/2017.

Conhecimento dos alunos com relação às IST's		
	Conhecem %	Não Conhecem %
Cancro Mole	25	75
Gonorréia	89	11
Clamídia	18	82
Sífilis	76	24
Candidíase	55	45
Hepatite B e C	82	18
HIV	92	8
HPV	71	29
Linfogranuloma	10	90
Tricomoníase	18	82
Herpes Genital	77	23
Total	384	100%

Através da coleta de dados, identificou-se que, no que diz respeito ao conhecimento dos alunos acerca das IST's, a grande maioria dos alunos possui conhecimento mínimo sobre as seguintes infecções: cancro mole, clamídia, candidíase, linfogranuloma e tricomoníase.

Tabela 5 – Distribuição dos alunos de acordo com conhecimento em relação aos sinais e sintomas. Novembro/2017.

Conhecimento dos alunos com relação aos sinais e sintomas		
	Conhecem %	Não Conhecem %
Cancro Mole	43	57
Gonorréia	80	20
Clamídia	29	71
Sífilis	79	21
Candidíase	63	37
Hepatite B e C	80	20
HIV	77	23
HPV	65	35
Linfogranuloma	22	78
Tricomoníase	29	71
Herpes Genital	81	19
Total	384	100%

Com relação aos sinais e sintomas, notou-se que os adolescentes não possuem conhecimento suficiente acerca do cancro mole, clamídia, linfogranuloma e tricomoníase.

Tabela 6 – Distribuição dos alunos de acordo com conhecimento em relação à forma de transmissão. Novembro/2017.

Conhecimento dos alunos com relação à forma de transmissão		
	Outras formas %	Sexo vaginal %
Cancro Mole	40	60
Gonorréia	34	66
Clamídia	45	55
Sífilis	45	55
Candidíase	45	55
Hepatite B e C	45	55
HIV	50	50
HPV	50	50
Linfogranuloma	50	50
Tricomoníase	50	50
Herpes Genital	50	50
Total	384	100%

E finalmente, com relação à forma de transmissão, evidenciou-se que, de forma geral, os adolescentes não conhecem a forma de transmissão de nenhuma das infecções.

Os níveis de conhecimento sobre os sinais e sintomas das IST's foram insatisfatórios, mesmo com inúmeros meios de divulgação existentes, como por exemplo televisão, rádio, jornal, internet, entre outros. Esse dado aponta para a necessidade de investimentos em intervenções educativas, contribuindo assim, para o diagnóstico precoce, melhor prognóstico e interrupção da cadeia de transmissão (CARVALHO et al 2015).

Considerando o conteúdo sobre as formas de transmissão das IST's foi notório que os adolescentes em sua grande maioria sabem que é transmitido por via sexual, porém não se tem conhecimento das formas como podem ser transmitidas. Contudo, sabe-se que a transmissão ocorre através das relações sexuais anal, oral ou vaginal, tanto com ou sem penetração, através do contato com fluidos corpóreos (REIS; OLIVEIRA; PAULA, 2014).

O uso de preservativo é o único método disponível que protege contra a transmissão de IST's e previne a gravidez indesejada. Embora seja disponível no mercado, os adolescentes que possuem parceiros fixos não aderem a este método, se expondo a riscos que vão muito além da preocupação acerca de uma gestação inesperada.

O conhecimento dos mesmos sobre as IST's indica uma certa convivência com este assunto em suas vidas, porém não se pode dizer que estas informações venham de forma ampla, contemplando todas as IST's e suas ramificações (FERREIRA, MIRANDA; BARONI, 2016).

Dada sua magnitude, transcendência, vulnerabilidade às ações e fragilidade de controle, as DST's devem ser priorizadas e sua assistência deve ser feita de forma integrada pelo Programa de Saúde da Família (PSF), Unidade Básica de Saúde (UBS) e serviços de referência regionalizados. O primeiro, em virtude de suas características, facilita o acesso ao cuidado ao paciente e a busca de parceiros sexuais para garantir a eficiência do tratamento, ao passo que a UBS e os serviços de referências desempenham um papel fundamental no tratamento adequado e no seguimento clínico (CARNEIRO,pg 105, 2015).

Para garantir que as escolas cumpram sua função nessa área foi criada no Brasil a Lei nº 60/2009, que inclui educação sexual no currículo do ensino básico e do ensino secundário em todo o território nacional (PORTUGUAL, 2009).

Tal papel, entretanto, cabe também a outros setores, como o da saúde, cujos profissionais devem orientar pais e filhos sobre esse assunto, o que exige uma compreensão do cenário cultural, haja vista que a cultura é um dos fatores determinantes nos agravos à saúde e no processo de educação em saúde.

É importante ressaltar a relevância de se discutir sobre esse tema nas escolas. Através do levantamento bibliográfico realizado, juntamente com os resultados apresentados nesta pesquisa, é possível identificar a necessidade de se criar estratégias que tenham como objetivo principal disseminar o conhecimento entre os alunos, especialmente adolescentes. Isto pode ser feito através de panfletos informativos, aulas expositivas, palestras educativas e vínculo com a unidade de saúde mais próxima da escola.

Outra questão importante é o relacionamento dos pais em abordar o assunto de sexualidade com seus filhos, justamente por não haver liberdade num contexto familiar, e por supostamente ter passado a mesma dificuldade em sua adolescência. Para o adolescente, todas as informações são extremamente necessárias. É muito importante para ele poder contar com seus pais em momentos importantes (CERQUEIRA, 2015).

Porém, com as mudanças culturais de costumes e valores sexuais, os pais muitas vezes ficam em dúvida de como abordar o filho da forma mais correta. Alguns pais, como forma de defesa, podem se tornam mais autoritários, para assim evitar uma discussão.

Neste contexto, vale ressaltar mais uma vez, a importância e o papel fundamental que a escola e seus educadores desempenham. Através de medidas simples, tais como palestras, vídeos, atividades em grupo, estudos de casos, entre outros, a escola pode trazer este assunto de forma mais simples, cotidiana, com vistas à quebra de tabu da qual esse tema é carregado desde sempre.

Limitações do estudo

Considera-se como uma limitação do estudo a não adesão das escolas particulares na pesquisa, o que interferiu diretamente nos resultados, uma vez que as pesquisadoras não puderam lançar mão dessas informações, tão relevantes para a discussão.

Além disso, seria de extrema importância realizar um comparativo do conhecimento dos alunos de escolas públicas e privadas, o que infelizmente não foi possível.

Conclusão

Face aos resultados apresentados, conclui-se que os adolescentes de ensino médio das escolas públicas avaliadas possuem um déficit no conhecimento acerca das IST's, tanto no que diz respeito à infecção propriamente dita, quanto em relação aos sintomas e meios de transmissão.

Diante disso, entendemos que existe a necessidade da temática sexualidade ser incorporada à disciplina escolar. Para tanto, é preciso capacitar e sensibilizar os professores, de forma que os mesmos construam um conhecimento satisfatório do assunto, com o objetivo de desenvolver e trabalhar o conteúdo com os alunos, promovendo saúde na escola, e orientando os alunos de forma adequada quando abordados.

Outra sugestão seria integrar os profissionais da saúde, especialmente enfermeiros, no âmbito escolar, pois a grade curricular deste profissional é pautada na promoção, prevenção e reabilitação, além disso, estes profissionais são preparados para se trabalhar com este grupo específico.

Os dados apresentados nos mostram a fragilidade desse contingente populacional, vulneráveis a riscos iminentes e emergentes. O contexto sexualidade na população adolescente/jovem requer novos estudos e pesquisas, com ênfase em resolutividade de dúvidas dos adolescentes, e com foco no aprendizado constante dos mesmos.

No decorrer da realização da pesquisa, foi possível conhecer o Programa Saúde na Escola, que visa trabalhar a temática sexualidade e outras que se mostrarem necessárias com os adolescentes. Porém, através de um olhar mais criterioso, entendemos que o programa não atua da forma como deveria, necessitando de empenho de autoridades públicas para que o mesmo seja colocado em prática da melhor forma possível, para obtenção de resultados positivos na saúde do adolescente.

Enquanto profissionais atuantes na área da saúde entendemos a importância da realização de estudos e projetos para a população com fragilidades a riscos, neste caso, os adolescentes. O intuito é trabalhar, doar-se e se diferenciar, para fazer o melhor, dentro do possível da profissão.

Referências

ALENCAR, Herculano; Sociedade Brasileira de Doenças Sexualmente Transmissíveis. Regional de São Paulo. **Infecções Sexualmente Transmissíveis**. SP, 2016. Disponível em: <<http://www.dstsaopaulo.com.br/?p=443>>. Acesso: 13 Abril 2016.

AMORAS, Bruna Corrêa; CAMPOS, Atos Rodrigues; BEZERRA, Eveline Pinheiro. Reflexões sobre vulnerabilidade dos adolescentes a infecções sexualmente transmissíveis. **Rev. Eletrônica de Humanidades do Curso de Ciências Sociais da UNIFAP**. Macapá. 2015, vol. 08, n. 01, p. 163-171.

BARBOSA, Stella. Maia; COSTA, Patricia Neyya Ppinheiro; VIEIRA, Neiva Francenely Cunha; O comportamento dos pais em relação à comunicação com os filhos adolescentes sobre prevenção de hiv\ aids. **Rev. de Rede de Enfermagem do Nordeste**. Fortaleza, 2016, vol. 09, n. 01. Junho 2016

Disponível em:

<http://eixostech.pas.ifsuldeminas.edu.br/ojs>

BORDIGNON, Monique Nunes Fiuza Dias; LIBERALI, Rafaela; BORDIGNON, Julio Cesar Pegado. Causas da não utilização de preservativos nas práticas sexuais de adolescentes: revisão integrativa. **Revista de Enferm UFPE online**. Recife, v. 11, n. 1, Jan. 2017, p. 207-13. Disponível em: http://www.revista.ufpe.br/revistaenfermagem/index.php/revista/article/view/10350/pdf_2178 Acesso em: 19 Set 2017.

BORGES, Zulmira Newlands et al. Percepção de professoras de ensino médio e fundamental sobre a homofobia na escola em Santa Maria (Rio Grande do Sul). **Rev. Educar**. Editora UFPR. Curitiba. 2011, n. 39, p. 21-38.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais. **Protocolo clínico e diretrizes terapêuticas para atenção integral às pessoas com infecções sexualmente transmissíveis**. Brasília: DF, 2015.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais. **Protocolo clínico e diretrizes terapêuticas para prevenção da transmissão vertical de HIV, Sífilis e Hepatites Virais**. Brasília: DF, 2015.

CARNEIRO, Rithianne Frota et al. Educação sexual na adolescência: Uma abordagem no contexto escolar. **Rev. Sanare**. Sobral, 2015, vol. 14, n. 01, p. 104-108. Junho 2015.

CARVALHO, PaulieMarcelly Ribeiro dos Santos et al. Prevalência de sinais e sintomas e conhecimento sobre doenças sexualmente transmissíveis. **Rev. Acta Paulista de Enfermagem**. Goiânia, 2016, vol. 28, n. 01, p. 95-100.

CERQUEIRA, Caio Felipe Campos. **Brincar de ser gay? Juventude, sexualidade e família na capital da Bahia**. Dissertação de Mestrado, Universidade de Filosofia e Ciências Humanas. Salvador. 2015. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/18817/3/Dissertação.%20Versão%20APRESENTADA.%20corrigida.pdf> > Acesso em 05 Set 2017.

COSTA E SILVA, Susanne Pinheiro et al. Discutindo Sexualidade\ist no contexto escolar: práticas de professores de escolas públicas. **Rev. Enfermagem**: Recife. 2016, v. 10, n. 05. Novembro 2016.

EISENSTEIN, Evelyn. Adolescência: definições, conceitos e critérios. **Rev. Adolescência e saúde**. 2005, v. 02, n. 02.

FERREIRA, João Paulo Tavares; MIRANDA, Tatiane; BARONI, Ana Luiza Lunard Rocha. Conhecimento sobre as DST entre adolescentes escolares em Vespasiano, MG. **Adolescência Saúde**. Rio de Janeiro, 2016, v. 13, n. 2, p. 51-59. Setembro 2016.

MANUEL, Vieira Miguel; **Doenças Sexualmente Transmissíveis**. 2015. Disponível em:<<http://vieiramiguelmanuel.blogspot.com.br/2015/06/doencas-sexualmente-transmissiveis.html>>. Acesso em 12 Abril 2016

MESQUITA, Jaislâny de Souza et al. Fatores de risco e de proteção entre adolescentes em relação às dst/hiv/aids. **Rev Enfermagem UFPE on line**. Recife. 2017, vol. 11, n. 03, p. 1227-1233. Março 2017

MOREIRA, Wanderson Carneiro et al. [Ações educativas do enfermeiro na promoção da saúde sexual e reprodutiva do adolescente](#). **Rev. Interdisciplinar**. 2015, v. 08, n. 03, p. 213-220. Setembro 2015.

PORTUGAL. Lei nº 60/2009, de 6 de agosto de 2009. **Estabelece o regime de aplicação da educação sexual em meio escolar**. Diário da República, Lisboa, 6 ago. 2009.

REIS, Aparecida F. O.; OLIVEIRA, Ana L; PAULA, Emerson J. J. **Doenças sexualmente transmissíveis e contraceptivos: o discurso do sujeito coletivo de adolescentes**. SP, 2013. Disponível em: <file:///C:/Users/Usuario/Downloads/86-61-169-1-10-20170817.pdf> Acesso: 30 Agos2017

SFAIR, Sara Caram; BITTAR, Marisa; LOPES, Roseli Esquerdo. Educação sexual para adolescentes e jovens: mapeando proposições oficiais. **Rev. Saúde Social**. 2015, v. 24, n. 02,p.620-632. São Paulo 2015.

ZANELLA, MariaNilvane; Adolescente em conflito com a lei e escola: uma relação possível?.**Rev. Brasileira Adolescência e Conflitualidade**. 2010, v. 03, n. 01, p. 04-22. Janeiro 2010.